

A LOBA

LA LUPA

Adaptação de novela incluída na coletânea *Vita dei campi*, 1880. O sucesso da publicação entusiasmou o autor a extraír dela o drama teatral que aqui se traduz. Cf. filmes de Goffredo Alessandrini (*La lupa*), de 1947 (= *Furia*), de Alberto Lattuada (*La lupa*) 1953, de Gabriele Lavia (*La lupa*), de 1996 [Raoul Bova, Giancarlo Giannini, Monica Guerritore], e de George Cukor (*Selvaggio è il vento* = *Wild is the wind*), 1957 [Anna Magnani, Anthony Quinn]. Cf. também a ópera *La lupa*, libreto de Vincenzo de Simone (em siciliano), música de Santo Santonocito.

CENAS DRAMÁTICAS EM 2 ATOS

GIOVANNI VERGA

CARLOS ALBERTO DA FONSECA

Tradução e Notas.

GIOVANNI VERGA

Representada pela primeira vez no Teatro Gerbino, de Turim,
pelos atores da Compagnia Andò-Leigheb, no dia 26 janeiro 1896.¹

Tradução e notas de
CARLOS ALBERTO DA FONSECA²

¹ A ópera *Cavalleria rusticana* ("Cavalheirismo rústico"), estreia em 17 maio 1890 no Teatro Costanzi, Roma, com libreto de Giovanni Targioni-Tozzetti e Guido Menasci e música de Pietro Mascagni, baseia-se na novela homônima de Giovanni Verga de 1880. O roteiro do fabuloso filme *La terra trema*, 1948, de Luchino Visconti foi baseado no romance *I Malavoglia*, de 1881, de Giovanni Verga.

² Traduzido de VERGA, Giovanni – *Teatro di Giovanni Verga*. Milano, Fratelli Treves Editori, 1920. E-text acessado em 10.04.2023, em [https://it.wikisource.org/wiki/La_Lupa_\(dramma\)](https://it.wikisource.org/wiki/La_Lupa_(dramma)). [NE. Carlos Alberto da Fonseca é docente aposentado do Departamento de letras clássicas e vernáculas da Universidade de São Paulo.]

Resenhas

O espetáculo foi extraído de novela de Giovanni Verga incluída na coletânea *Vita dei campi*. Uma mulher, caracterizada por uma alta voracidade sexual, atrai um menino e o convence a se casar com sua filha apenas para tê-lo em casa em sua companhia. O protagonista, exasperado entre as atenções dessa mulher e a vontade de ser fiel à esposa, chegará a matar a loba.³

Na releitura de Donatella Finocchiaro [Teatro Biondo di Palermo, 11-16 abril 2023] a novela oitocentista de Verga torna-se um manifesto atualíssimo sobre preconceitos e convenções sociais. A protagonista Gnà Pina, chamada de Loba, é a mulher que não se envergonha da própria sensualidade e por essa razão é considerada no contexto social como despidorada, estranha, diferente. Essa mulher se considera uma vítima do impulso amoroso e carnal para Nanni: seu desejo é de tal modo forte, uma verdadeira obsessão, que a leva a dar sua filha Mara como esposa para aquele homem para não o perder. O jogo entre vítima e carrasco é um jogo de massacre, que não prevê vencedores. O autor e a diretora colocam no banco dos réus as hipocrisias da sociedade respeitável, que não permitem viver livremente os sentimentos e as emoções. No final Nanni cederá ao próprio desejo, mas os dois serão condenados, em nome das convenções, a viver no “pecado” e na loucura. Um clássico da literatura siciliana encontra uma inédita interpretação graças a um ponto de vista pela primeira vez totalmente feminino.⁴

O jogo entre vítima e carrasco é um jogo que leva ao massacre. Juntos vivem no “pecado” e na loucura. Talvez só a morte possa salvá-los.⁵

Com o verismo se assiste à passagem do teatro romântico, da forma-tragédia para composições mais restritas. Estamos no fim dos Oitocentos. Assiste-se à revolução da forma dramática provocada pelo uso do ato único, que aparece no palco, também na Itália, no final dos anos 70, quando então se pretendia se ultrapassasse aquela forma de experimentação, aquela ruptura iniciada: do drama burguês em 3 atos se passa a representações brevíssimas que se faziam acompanhar de outros textos. Nos teatros representavam-se alguns textos numa única sessão dado que eram bastante breves.

Sentido do epílogo ou ato único: - No que se deve prestar atenção? Nessa contração da forma dramática (essa é a linha mais representativa do Verismo, uma linha idealizante em relação ao Naturalismo francês. Verga não quer representar a feiura tal como são as indicações do Naturalismo francês), é preciso prestar atenção em primeiro lugar, na linha verghiana e dos outros escritores ligados ao Verismo, à ruptura, nos confrontos entre personagens, do “artifício romântico”, da retórica. Escreve Giacosa⁶ num jornal em Turim alguns dias antes da representação da Cavalleria Rusticana: “quando alguém se mata ou mata por vingança em geral não o diz”. Portanto, para representar a vida é preciso reduzir a linguagem, fazer agir as personagens mais do que fazê-las falar. Essa é uma revolução tanto nos confrontos na tragédia romântica quanto no drama burguês, no sentido de que as personagens se exprimem numa maneira sempre mais condensada.

Ao lado do não-dito devemos alinhar o não-visto. O não-visto: quase todos os colapsos surgem ou subtraídos à visão (acontecem fora da cena) ou se adota a “estratégia do

³ <http://www.teatrodellacitta.it/la-lupa/> - acesso em 25.04.2023.

⁴ <https://palermo.gds.it/articoli/cultura/2023/04/04/al-biondo-di-palermo-donatella-finocchiaro-e-la-lupa-8a053868-2336-42d7-825d-c131d9872c5b/> - acesso em 25.04.2023.

⁵ <https://www.teatro.it/spettacoli/catania/verga/2022-2023/la-lupa> - acesso em 25.04.2023.

⁶ Giuseppe Giacosa (1847-1906), dramaturgo, escritor e libretista italiano.

escudo". O escudo é um objeto cênico utilizado num texto de Strindberg, a "Sonata dos espectros".⁷ Um escudo é trazido para o palco e as personagens morrem atrás dele. O escudo utilizado na dramaturgia verista ou no teatro intimista e psicológico (não existe diferença entre esses dois. De Roberto⁸ pertence a ambas as correntes.) pode ser um dossel, uma janela envidraçada, uma porta; todos aqueles objetos cênicos que têm a função de ocultar o golpe, o momento do ferimento. Esse recurso pelo visto pode ter várias explicações. Não se encontra mais a proibição da morte no palco que animava as discussões sobre o teatro e a tragédia do Quinhentismo ao Setecentismo, embora seja um tipo de solução cênico-dramatúrgica ainda adotada. Não encontramos uma teorização, mas uma adoção, o uso daquele tipo de final que é sempre subtraído da visão. Por quê? Talvez pelas mesmas razões pelas quais não se colocam juntos o não-visto e o não-dito: querendo o teatro dos veristas contrapor-se àquele que era o universo romântico, ele almeja mostrar apenas o essencial. Prefere-se a representação da morte subtraída da visão porque desse modo se ressalta o fato em si, elimina-se toda uma série de estratégias textuais e dramáticas até então usadas contra aquilo de que se toma distância para parecer novo. (Manzoni⁹ condena o teatro precedente: no concreto, mas não adota aqueles elementos que rompem com a tradição, mas outros que mantêm uma certa continuidade com a tradição anterior). Os veristas têm esse problema no confronto dos românticos e da tradição literária em geral: embora reconhecendo o valor da tradição anterior, Zola dirá no ensaio "o Naturalismo no teatro" que o Romantismo (aquele francês do Hugo) tem o mérito de tê-los tornado artistas livres de toda aquela tradição secular do Classicismo que pesava há vários séculos sobre a tragédia e o drama. Embora reconhecendo esse mérito Zola toma distância de Hugo. Também Verga toma distância da tragédia e do drama burguês dos Oitocentos.¹⁰

Personagens

[GNÀ¹¹ PINA]

chamada de *A Loba*, ainda bela e provocante, malgrado seus 35 anos bem castigados, com o peito firme de uma virgem, os olhos luminosos no fundo de olheiras escuras e a bela flor carnuda da boca, na palidez quente do rosto.

[MARA]

sua filha, joventinha delicada e triste – como se uma culpa não sua pesasse sobre a cabeça loira e não ousasse encarar os rostos das pessoas com seus belos olhos tímidos.

⁷ August Strindberg (1849-1912), escritor, dramaturgo e pintor sueco. A peça em 3 atos *Spöksonaten* foi escrita em 1907; estreia no Strindbergs Intima Teater, Estocolmo, em 21.01.1908.

⁸ Federico de Roberto (1861-1927), escritor italiano (teatro, romance, poesia).

⁹ Alessandro Francesco Tommaso Manzoni (1785-1873), considerado um dos maiores romancistas italianos.

¹⁰ <https://www.skuola.net/universita/appunti/letteratura-teatrale-italiana-la-lupa> - acesso em 25.04.2023.

¹¹ Gnà: adaptação gráfica do espanhol ña, abreviação de *doña*, *dueña*. Título que nos dialetos sicilianos e calabreses significa *signora* "senhora", e é prefixo pessoal para mulheres de condição popular. Muitas vezes utilizado por Verga.

[NANNI LASCA]

belo jovem – terno com as mulheres, mas mais terno ainda por interesse; sóbrio e duro no trabalho, como que mira assegurar uma posição para si. – Testa baixa e estreita, sob cabelos ásperos – dentes de lobo e belos olhos de cão de caça.

[BRUNO]

camponesinho sadio e alegre, que leva a vida assim como ela vem, e as garotas como um galo no galinheiro.

[CARDILLO]

forte e paciente como um boi, de quem tem o pelo fulvo, que lhe parece comer o rosto – e também o juízo.

[NELI]

amarelo e espigado, comido pela malária, que o joga sempre exausto num canto, depois de um dia inteiro de labuta.

[COMPARE¹² JANU]

o capataz – sério e recatado como convém à sua idade e ao seu ofício – fiel aos bons costumes antigos até no corte da barba, que usa como duas sardinhas cinzentas no topo das bochechas. – Cospe grave e sentencioso melhor do que Pôncio Pilatos.

[TIA FIOMENA]

velhinha irrequieta e dedicada ao trabalho. Fala como um oráculo, e sabe mais que o capataz.

[GRAZIA]

menina que pareceria um homem, tão chata e bronzeada, não fosse o riso dos lábios frescos e dos olhos pretíssimos.

[LIA]

camponesa quase sem idade e sem sexo também, desperdiçada pelas dificuldades – e não obstante sorrindo para a vida e para o amor.

[MALERBA]

o bufão da companhia – cara de macaco, com um sorriso malicioso.

[NUNZIO]

rapaz magro e preto como um grilo.

¹² Compare: padrinho de batismo ou de crisma; tb., título, particularmente siciliano, afetuoso, amigável, muitas vezes como apóstrofe familiar e/ou brincalhona.

Primeiro Ato

(No interior de Modica.¹³ No curral, ao anoitecer. À direita, a cabana dos ceifeiros; à esquerda, uma grande bica;¹⁴ pilhas de feixes e ferramentas rurais espalhadas aqui e ali. No fundo, a vasta extensão da planície carregada de colheitas, já velada pela noite, e o curso do rio, entre os juncos e as canas palustres. Ouvem-se vozes passando ao longe, canções cansadas; o tilintar dos sinos dos rebanhos que descem para beber, e de vez em quando o uivo dos cães, espalhados pela campina, sobre a qual correm rajadas de siroco, com um amplo farfalhar de forragem. Nos intervalos de silêncio parece surgir e se difundir o murmúrio das águas e o trilo dos grilos, incessante. A lua começa a se erguer, branqueando-se gradualmente, num halo sensual.)

Cena 1

(Bruno, Malerba, Neli, Cardillo, Grazia e Lia estão sentados de cócoras, depois do jantar, ouvindo uma história que está sendo contada pela tia Filomena. Compare Janu na porta da cabana, fumando. Nunzio mordisca lentamente um pedaço de pão integral, acocorado nas tábuas da cerca do curral.)

[FILOMENA]

(narrando) – Então, naquele momento, a Feiticeira...

[CARDILLO]

(levantando a cabeça a cada rajada de vento) – Tão sentindo o siroco? Amanhã até o pão vai suar.

[FILOMENA]

(incomodada) – Vai me deixar contar a história, ou não?

[CARDILLO]

(dando de ombros) – Vai, continua, né...

[FILOMENA]

A Feiticeira, então, tava no palácio encantado, tudo de ouro e pedras preciosas e, quando passava um vian-dan-te, punha a cara na janela pra atraí ele pr'um pecado mortal. Os jovens e os velhos, todos caíam na esparrela!... até os padres e os frades, todos os servos de Deus!...

¹³ Comuna italiana do consórcio comunal livre de Ragusa, na Sicília.

¹⁴ **Bica:** pilha ou monte de grãos ou outros cereais ceifados, dispostos de modo simétrico para permitir a aeração interna e o menor dano possível para as espigas em caso de chuva, deixada nos campos antes da debulha com o objetivo de completar a maturação dos grãos e a secagem dos talos e folhas (palha).

[BRUNO]

(rindo) – Boa, boa!

[FILOMENA]

O que é que vocês teriam feito? Eu disse que ela era uma Feiticeira!... que de velha se fazia jovem!... branca e rosadinho como uma garota de quinze anos... com dois olhos na cara que eram duas estrelas!

[MALERBA]

(sorrindo malicioso) – Boa... Diz aí, onde que fica essa casa!

[FILOMENA]

Onde ela tá, essa casa? No inferno! E vocês querem saber o que aquela mulher fazia depois com aqueles pobres desgraçados? Com uma batida de uma varinha mágica, paff! mudava eles em asno ou em porco, falando com tudo respeito, crendeu spai! Até que um santo eremita, que ficou sabendo daquelas coisas, disse: Eu tenho de ir lá, se não esse mundo vai acabar...

[CARDILLO]

(com seu ar bem-humorado) – Um zinho que queria pegar pra si o chifre dos outros homens, aquele santo eremita, e colocar todos eles na sua própria cabeça!

[MALERBA]

(rindo, malicioso) – Eh! Eh! o santinho também queria chifres na cabeça!...

[FILOMENA]

(escandalizada) – É assim que vocês falam de gente santa? Num vô falar mais nada.

[MALERBA]

Num m'importe nem um poco. É tudo história que todo mundo conta por aí.

[FILOMENA]

História? São histórias mesmo? São coisas que aconteceram de verdade, quando as pessoas tinham medo de Deus!

[BRUNO]

(*como uma zombaria*) – Não, não, eu acredito! Quando olho nos seus olhos, comare¹⁵ Grazia, acredito nessa Feiticeira! (*manda um beijo para ela de longe com os dedos*)

[JANU]

(*gravemente, tirando o cachimbo da boca*) – Feiticeira ou não Feiticeira, vocês conhecem o ditado: “O homem é fogo, a mulher é palha: aí vem o diabo e sopra!”

[BRUNO]

(*para as mulheres, fingindo abraçá-las*) – Sopra você, que sopro eu! Agora eu que sou a palha, ah como Deus é verdadeiro!

[GRAZIA]

(*afasta-o, rindo*) – Tira essas mãos daí, ô!

[CARDILLO]

(*com a expressão de um potro de repente alegre*) – Foi a historinha da Feiticeira que te deu essa coceira no saco! Dá seus pulos, seu bode!

[BRUNO]

(*para o rapaz*) – Se vira, rapaz, vai e volta! Mete a mão aí na sanfona!

[NELI]

(*resmungando*) – Seus pulos! Deus tá vendendo!... Como se ele pudesse se divertir o dia inteiro!...

[JANU]

Como se ele pudesse se divertir o dia inteiro! Eu te pago o dia, sim ou não?

[NELI]

Me pagou... me pagou... Agora tô c' o esqueleto moído. Te agradeço muito.

[CARDILLO]

Liga pr'esse vagabundo não. Vai, Nunzio, toca pra dançar. Aqui num se gasta nada.

¹⁵ **Comare:** denominação que caracteriza reciprocamente a relação entre a madrinha de batismo ou da crisma e a mãe do batizado ou crismando; muitas vezes com alusão direta à banalidade e à prolixidade de tais relações.

[BRUNO]

(alegre) – Comare Grazia, vai!... Gnà Lia! Agora começa o baile! (*Nunzio se levanta, pega a sanfona dependurada no pau da cerca e começa a tocar, balançando-se sem jeito ora com um pé, ora com o outro.*)

[MALERBA]

(*para Grazia e Lia*) – Ái, meninas... Vem se mexer vocês também! Bendita Gnà Pina que leva alegria onde ela vai! (*sorrindo*) Aquela sim que não espera pra pedir!

[BRUNO]

(chamando em voz alta para o fundo do palco) – Ô Gnà Pina!... Que diabo inda tá fazendo nessa hora? Queria tanto assim dá uma raladinho naquelas espigas? (*Volta a chamar em tom de zombaria*) Vem pra cá, bela Gnà Pina!

Cena 2

(*Nanni Lasca, da esquerda no fundo, com um garfo nos ombros, e os outros*)

[NANNI]

(em tom de zombaria, fincando o garfo na bica) – Oh! Não chama o lobo não, senão ele vem e te come!

[BRUNO]

E aí, que que foi que fez com a Gnà Pina?

[NANNI]

Eu? Mas eu num fiz nada não. Por acaso ela tá amarrada na minha cintura?

[CARDILLO]

(com sua risada grosseira) – Não. Mas é ela que vive colada no seu calcanhar.

[NANNI]

Tenho mais no que pensar agora! Depois de um dia inteiro de colheita! Vim pra cuidar dos animais.

[MALERBA]

(chamando para longe, com as mãos na boca, em tom de zombaria) – Vem pra cá depressa, Gnà Pina!... Meu tesouro!

[JANU]

Cala a boca, ô linguarudo!

[MALERBA]

(sempre em tom de zombaria) – Meu tesouro! Tesouro de vocês! Tem pra tudo mundo com a Gnà Pina!

[CARDILLO]

Enquanto isso, tudo mundo perdeu o sono. Manda aí, tia Filomena!

[FILOMENA]

(se levanta rápida e alegre) – No meu tempo se falava “Quem desdenha quer comprar!”
(começa a dançar com Cardillo) Licor bom até a última gota! (continua a dançar trocando de lugar com Janu) Vamos fazer eles verem, compare Janu, como é um bom licor!

[JANU]

Eh! Licor licor!... O que quer fazer?

[GRAZIA]

(excitando-o, com gaiatice) – Licor bom até a última gota, compare Janu!

[JANU]

(resolvendo-se finalmente) – E vamos lá! (se levanta e começa a rebolar desajeitadamente diante da tia Filomena; depois. Quando ela se senta, vai convidar Grazia do mesmo modo) Agora você, que tem a língua comprida, sua pardaloca! (Grazia dança com Janu, e depois que ele volta a se sentar, vai convidar Bruno como fizeram os outros, dançando na frente dele.)

[BRUNO]

(pulando alegremente e estalando os dedos) – Ohi! Ohilà!

[NANNI]

(rindo) – Ó Bruno, esse trabalho não vai te pagar nada hoje, Janu!

[BRUNO]

(continuando) – Não me importa. Tô fazendo por amor! Ohi! Ohilà! (quando Grazia volta a se sentar perto da tia Filomena, vai convidar Lia, saracoteando na frente dela.) Ohilà!

[NELI]

(resmungando, escarrapachado na palha) – Boa dança!... Divirtam-se!

[MALERBA]

(adiantando-se e pregando Bruno por um braço) – Agora é comigo! Um pouco pra cada um!

[BRUNO]

(libertando-se) – Vai pro diabo! Toma no teu rabo! Ohi! Ohilà!

Cena 3

(A Gnà Pina do fundo para a direita, com um feixe de espigas na cabeça, e os outros)

[MALERBA]

(correndo com os braços abertos para a Gnà Pina, que colocou o feixe de espigas num canto, e avança sorridente, sentando-se com um lencinho na mão) – Ó Gnà Pina!... abençoadas! Meu tesouro!... meu coração!... Vem aqui que a gente tá a fim de fazer um terremoto!

[PINA]

(rindo) – Não. Quero dançar com o compare Nanni... (com coqueteria, fazendo uma bela reverência para Nanni) se me acha digna dessa honra...

[MALERBA]

(irônico) – Ah! Mas tem de ser com ele mesmo? A gente já sabia que ele te agrada! Faça bom proveito!

[PINA]

(com desdém) – E quem é que está falando com você agora?

[MALERBA]

(provocando) – Tá falando de você, Nanni! Não tá sentindo a orelha arder?

[BRUNO]

(rindo) – O Nanni não vê nada nem sente nada.

[PINA]

(para Nanni, entre caçoada e ironia, cantarolando) – “Você que tem olhos e não vê nada não, Agora o que faz com esses olhos então?”

[CARDILLO]

Vai, vai, Nanni!... gosta de ficar sentado, né?

[NANNI]

(resmungando) – Vocês morrem de vontade, vocês! Primeiro um dia inteiro com a foice na mão!... Depois ficar aí sentado com a bunda no chão! Como se convidassem vocês agora pra uma macarronada e carne assada!

[JANU]

(rindo) – O Nanni não faz nada de graça, gnà Pina.

[PINA]

(para Nanni, com coqueteria) – E vocês sabem o que acho disso? Quem não me quer não me merece. (*Vai convidar Cardillo e dança com graça diante dele, mantendo esticadas as duas pontas do avental, e curvando a cabeça no úmero.*)

[CARDILLO]

(excitando-se) – Tanto pior pro Nanni!... Sinto que me tornei um leão com você!... Mesmo que eu estivesse morto num caixão, saca!

[MALERBA]

(iluminando-se também ele ao ver Pina dançar) – Um pouco comigo também, gnà Pina!... Não consigo me segurar! Quem não te quer não te merece!... Tá perdendo dinheiro e perfume com essa besta do Nanni!...

[GRAZIA]

(rindo) – Idiota é quem se arrepende, compare Nanni!

[NANNI]

(pegando fogo também ele e resolvendo se levantar com um sorrisinho sem jeito) – Sangue de...! Corpo de...! Se é assim que quer me pegar! Pronto, tô aqui.

[PINA]

Quem chega atrasado fica de pé, compare Nanni! (*Ela vira as costas para ele e vai para a direita com as outras mulheres*)

[NANNI]

(irritado) – Agora que aqueceu minhas orelhas? Agora não me importo mais! Tô me sentindo um Etna, eu!

Cena 4

(Mara no fundo à direita, com um feixe de espigas na cabeça, e os outros)

[NANNI]

(indo de encontro a Mara, que vai colocar o feixe ao lado do da sua mãe) – Tua mãe me largou no melhor da festinha, gnà Mara! Pelo menos você venha aqui vai. Quero dançar agarradinho! Quero suar uma camisa!

[MARA]

(se desviando, um ar tímido) – Te agradeço, compare Nanni...

[NANNI]

Nem você vai querer também?... mas por que tô te convidando?

[MARA]

(sempre mais embarracada) – Não, me desculpe... eu não danço.

[NANNI]

Mas o que você tem? Tá com as pernas moles? Ou o coração duro?

[MARA]

(com a cabeça baixa, corada até os cabelos) – Não... Te agradeço muito... Me desculpe, compare Nanni.

[NANNI]

(entre irritado e brincalhão) - "Coração duro, de pedra esse coração! Mas vai me deixar assim com todo esse tesão?..."

[MALERBA]

(provocando Nanni) – Mas não! Não! Querendo que a mãe dela te pegue pelos cabelos?

[PINA]

(para Malerba, bruscamente) – Vamos parar com isso! Deixem minha filha em paz!

[MALERBA]

Quem tá tocando nela ainda? (para Nanni, dando-lhe um empurrão de brincadeira) Deixa ela em paz, ô!

[NANNI]

(rindo) – Ah, vai ser essa a brincadeira agora? (dá um empurrão em Neli) Tua vez!

[NELI]

(que está prestes a cair, fica com raiva) – Eh!... Tem o que fazer não?! (depois desconta no Bruno, dando-lhe um empurrão) Se divirtam vocês aí!

[BRUNO]

Ah sim? Ah sim? (tenta abraçar Grazia) Agora é sua vez, beleza!

[GRAZIA]

(ela se esquiva rindo e empurra Malerba para o outro lado) – Não gosto dessa brincadeira não. (Lia foge sozinha)

[MALERBA]

(finge cambalear, avançando na direção de Pina com os braços abertos.) Agora a gnà Pina, que gosta disso...

[PINA]

(rejeitando, com desdém) – Vê se enfia essas mãos no bolso aí!

[MALERBA]

(irônico) – Por quê? Estão sujas por acaso? Tem que lavar as mãos com você agora?

[PINA]

Tuas mãos e tua língua são porcas, imundo!

[MALERBA]

Olha a Pina que tá com cócegas agora! Agora o diabinho vai ter que virar eremita!

[PINA]

Tu é uma besta mesmo.

[MALERBA]

(sardônico) – Uma besta sim senhora! Por isso não quer que eu te toque! Pega nela você, Nanni, que tem as mãos limpinhas!

[NANNI]

(rindo) – Dá atenção pra ele não, gnà Pina. É o vinho que solta a língua dele.

[PINA]

(acocorada) – E o que é que faz você falar, o vinagre?... que coisa amarga você cuspiu que os outros comentaram?

[NANNI]

Por quê? O que foi que disseram?

[PINA]

(tristemente) – Deixa pra lá... (*mudando de tom, e com doçura ainda um pouco triste*) Te trouxe um punhado de cerejas, lá do vinhedo... Não importa o que cuspa amargo comigo... Colhi pra você. Quer? (*oferece-lhe as cerejas colhidas no seu avental*)

[NANNI]

Não, te agradeço... se quiser me dar...

[BRUNO]

Pra pegar ele tá sempre pronto!

[NANNI]

Pega você também... Malerba...

[PINA]

(jogando as cerejas para o ar) – Pra quem quiser... Pega!...

[NANNI]

(surpreso) – Ô bela! Por quê?

[PINA]

(quase chorando, mas se contendo) – E você, por que não...? (*dá-lhe as costas, carrancuda*)

[NELI]

(pegando as cerejas, de quatro) – Pecado! Com a graça de Deus!

[MALERBA]

(gesticulando para impor silêncio) – Ssss! Ssss!

[JANU]

O que foi? (*ouvem-se cães uivando na campina*)

[MALERBA]

(*explodindo numa risada bufa*) – Nada. Você acabou de atiçar a cachorrada...

[JANU]

Agora vou pegar um pedaço de pau pra você e pra eles!

[CARDILLO]

Os cachorros estão latindo pra Lua.

[BRUNO]

Os cachorros e os apaixonados. (*para a Grazia, com um ar galanteador*) Vamos, me diga, quem é que tá nos seus pensamentos?

[GRAZIA]

(*protegendo-se, com coqueteria*) – Na minha cabeça? Ninguém.

[LIA]

Na minha também não.

[MALERBA]

Ó gnà Pina, por que não fala nada? Tá assim com a Lua, contando suas dores pra ela?

[NANNI]

(*cantarolando em tom de caçoada*) - “Quem tem dor vive se resguardando. Quem suspira continua chorando.”

[PINA]

(*com um toque de amargura*) – A Lua tá lá em cima pra todo mundo, compare Nanni.

[CARDILLO]

Ó gnà Mara, fala você pelo menos. Diz você quem anda nos seus pensamentos.

[NANNI]

(*rindo, para Mara*) – Não dança! Não fala!... que diabo você tem?

[MARA]

(sem prestar atenção) – Mamãe, tenho que ir buscar água no rio?

[PINA]

(bruscamente) – Vai, vai!

[NANNI]

Eh, o que tem de errado hoje? Você tem o material necessário, graças a Deus!... e idade, também, pra se casar...

[MARA]

(dando as costas) – Eu não quero me casar. (*entra na cabana*)

Cena 5

(Todos, menos Mara)

[MALERBA]

(fazendo um fone com as mãos na boca, grita para Mara) – Se lembre que sua mãe faz esse serviço pra você!...

[PINA]

(irritada) – O que você tem a ver com o que eu faço?

[MALERBA]

Digo que você tá em forma, muito melhor que tua filha! E que não gosta nada de ser viúva... Oh não!

[PINA]

(ameaçadora) – Se isso aí é comigo, e tá querendo me atacar, cuidado que tenho dentes afiados!

[MALERBA]

Sim, sei que você tem dentes de cadela! Tanto é assim que vocês comem cristãos... pelo e ossos!... Só de olhar, Deus me livre e guarde!

[CARDILLO]

Vá, vá, você também ia gostar de ser comido por ela!

[MALERBA]

É você? E o Nanni Lasca? (*mudando de tom, com um sorriso irônico*) Primeiro ele, que tem as mãos limpinhas! É só isso que a gente sabe!

[NANNI]

(*rindo*) – Não, não, minha pele é muito dura! Não ia conseguir me comer.

[PINA]

(*para Malerba*) – E o que sua mulher faz pra você, sabe o que é?

[MALERBA]

É a loba falando, agora!

[JANU]

Não façam isso com ela, parem com isso, vocês! A gente joga conversa fora é pra rir, pra passar o tempo.

[NANNI]

(*encostando-se em Pina, em tom de zombaria*) – O que ela faz, o que tá fazendo a mulher do Malerba?

[PINA]

(*franzindo a testa*) – Nada. Nem eu fiz nada pra você, que cospe amargo e tem a pele dura... Mas seu coração é pior ainda!

[NANNI]

(*vira as costas para ele, cantarolando*) – “Coração de pedra, coração tirano...”

[GRAZIA]

(*responde no mesmo tom, sorrindo, mas como que falando para as outras mulheres*) – “Tirano és me diz sofrendo o coração, Não mais me amas nem me tens recordação...”

[CARDILLO]

Bravo! Agora cada um vai ter que cantar uma coisa!

[NANNI]

Começa você, Neli.

[NELI]

Eu não sei nada.

[MALERBA]

Espera aí!... Canto eu!

[FILOMENA]

Calem a boca! Isso é com as meninas! A gente já conhece suas belas canções!

[BRUNO]

(para Lia) - Agora a comare Lia.

[LIA]

(recatada) – Não, eu não sei nenhuma.

[GRAZIA]

Muito menos eu.

[CARDILLO]

Gnà Pina, você.

[PINA]

Não, não quero.

[GRAZIA]

Quer sim, você sabe muitas.

[NANNI]

Agora ela quer que a gente implore pra ela!

[PINA]

(dardejando um olhar para ele, e curvando a cabeça novamente) – Bom, vou cantar a primeira que me vier na cabeça. (suavemente, quase falando para si mesma, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos) – “Meu cravo pomposo, minha doce paixão, Você me diga como devo te querer! Secretamente me roubou o coração, E vim aqui ver se quer me devolver. E em tantos corações duros consegui mexer! Somente o seu não se deixa amolecer! Agora sob o domínio total do teu amor... Me entrego a ti... Não vá se esquecer.”

[BRUNO]

Muito bom! Brava! Olha só como ela lembrou, que diabo de mulher!

[MALERBA]

(para Nanni, em tom provocativo) – Agora é com você, cravo pomposo!

[NANNI]

(rindo sem jeito) – Não... eu não sei coisas bonitas assim... Sou uma besta.

[CARDILLO]

Se não responder agora, ou é mesmo uma besta ou quer dizer que não escuta nada com essas orelhas.

[LIA]

Agora ele quer que a gente implore pra ele!

[NANNI]

(finalmente resolve se levantar meio rindo meio aborrecido, com o olhar errante e vago, acompanhando sem jeito cada verso em cadênciia com gestos do indicador teso) – “Veja e se cale, se quiser um bem querer. Respeite o lugar onde quer permanecer. Não faça mais que seu compromisso. Pense bem antes de fazer aquilo ou isso.”

[MALERBA]

(para Pina, sorrindo e limpando a boca com as costas da mão) – Tomou essa, Pina? Então coloca seu coração em paz!

[PINA]

(levantando-se enfurecida e jogando uma tigela na cara dele) – Toma essa você, idiota!

[MALERBA]

Ah! Loba maldita! Tá falando com as mãos também? (quase correndo na direção dela)

[JANU]

Ehi! Ehilà! Basta! (Uma briga: todos gritam juntos, os homens puxando Malerba para um lado e as mulheres puxando a gnà Pina para o outro.)

[NELI]

(safando-se da confusão) - Termina sempre desse jeito, como na ópera do Polichinelo!

Cena 6

(Mara, entra correndo da cabana, e os outros)

[MARA]

(assustada, quase chorando) -Mamma, mamma mia! Que que foi isso?

[NANNI]

(para Malerba) – Deixa ela em paz. É você que provoca ela todo minuto.

[MALERBA]

(ainda irritado) – E você que vive defendendo ela!... porque te olha doce, a loba!... Boa sorte pra você!

[PINA]

(para Malerba, mostrando-lhe o punho de longe) – Como é verdade que me chamam de Loba!

[JANU]

Vocês comeram e beberam, agora o vinho lhes sobe na cabeça! (para gnà Pina) Pra você eliminamos a tentação! Em vez disso, vai lá no rio buscar água! Vai refrescar seu sangue.

[PINA]

(vai pegar o balde, ainda ameaçando Malerba) - Me bateram naquela confusão. Vejam!

[MARA]

Mãe! Mãe! Por caridade! (A gnà Pina vai com o balde para o rio à esquerda)

[MALERBA]

Loba vaca maldita! Se se pega com este e com aquele, porque não pode se esfregar com o Nanni Lasca?

[JANU]

(empurrando-o para o fundo, à direita) – Você aí, pense nas feras, sua besta! Veja se elas têm comido cevada e lhes dão palha fresca antes de dormir. Entendeu aí, ô?

[MALERBA]

(resmungando, enquanto caminha) – Entendi! Entendi! Mas você fazia melhor não passando os dias com essas Marias Madalenas que só semeiam discórdia!... e a procurar amantes! E com essa vou embora! Deus te abençoe e boa noite. (sai)

[NELI]

(andando atrás dele) Deus te abençoe! Deus te abençoe!

[NANNI]

(para Mara, que ficou de lado, enxugando os olhos com o avental) Não ligue pra ele, gnà Mara; é uma besta esse Malerba.

[MARA]

(acocorada) – Por que eles sempre implicam com ela? Não têm outra coisa pra fazer?

[NANNI]

Pois digo que é uma besta. Deixa ele cantar aí.

[MARA]

(quase em tom de reprovação) – Queria ver você se falasse assim da tua mãe!...

[NANNI]

Vão caçoar de mim agora?

[MARA]

Não! Vou zombar da minha desgraça...

[NANNI]

Tudo bem! Mas não tenho nada a ver com isso... nem você. Você sabe o que se diz: do espinho nasce a rosa...

[MARA]

(acenando com a cabeça, amargamente) – Até você, agora!... Sim!... isso que você está dizendo!...

[NANNI]

O que eu falei de errado?

[MARA]

Nada!... Me deixa você também! (*dá-lhe as costas e entra na cabana*)

[NANNI]

(dando de ombros) – Tá bem. Pouco me importa.

[FILOMENA]

(para Grazia e Lia) – Vamos, vamos, que já é tarde e o sol vai nascer cedo amanhã.

[BRUNO]

(fingindo querer ir com as mulheres) – Pronto! Vou junto!

[LIA]

(foge, rindo) – Jesus! Maria!

[GRAZIA]

(rejeitando-o) – Sai pra lá, tentação!

[FILOMENA]

(brandindo um forcado) – Tá vendo isso aqui? É pra você! (Entra na cabana com Grazia e Lia)

[JANU]

(empurrando Bruno e Cardillo para o fundo à direita) – Pra casinha de cachorro, vai! Vamos! (Bruno e Cardillo saem) Quem tá cuidando das ovelhas agora?

[NUNZIO]

(recolhendo sua roupa) – Eu, sín-senhor.

[JANU]

E por que ainda está aqui, pão duro? Gosta de bater língua, né? Pense que se as ovelhas causarem qualquer dano ao curral te quebro os ossos.

[NUNZIO]

Mas como vou ficar vigiando as ovelhas durante a noite? Ninguém me disse antes que queriam ficar aqui no curral matando o tempo.

[JANU]

Seu inútil! Seu preguiçoso!

[NUNZIO]

Preguiçoso!... Passe bem, vossa senhoria!...

[JANU]

Vai, vai senão meto o pé no teu traseiro.

[NANNI]

Vai, vai, senão te chuto eu. Vou dormir aqui na fresca. (*Nunzio se afasta para o fundo, à esquerda*)

[JANU]

Bem, boa noite. Então fique de olho nas coisas. (*sai pela esquerda*)

[NANNI]

(*ajeitando a roupa para dormir*) – Deus te abençoe. Deus te abençoe. (*ouve-se a voz de Nunzio que se distancia cantando*): “Na estrada deserta nada faaaaaaaaaala, / Meia noite nos cornos, vou encontráááá-la...” (*fazendo eco à canção, enquanto acomoda a palha debaixo de um paletó pra repousar a cabeça*): “A jovem da alma miiiiiiiiiiiiiiinha...” (sentado “na cama” e estirando os braços) Ah! E amanhã tudo de novo! (*ouve-se no fundo um farfalhar de folhas secas*) Ehi!... Quem tá aí?... Bestas ferozes ou espíritos malignos?...

Cena 7

(*Gnà Pina, no fundo à esquerda, o balde de água na cabeça, e Nanni.*)

[NANNI]

Gnà Pina, é você? Que medo me deu!

[PINA]

(*franzindo a testa, indo colocar o balde perto da porta da cabana*) – Sempre brincando, você! Te agrada tirar sarro dos outros!

[NANNI]

Ainda está com raiva? Não refrescou o sangue lá no rio?

[PINA]

(*resolvendo, após um instante de hesitação, ir direto para ele, resoluta, mas com os braços caídos numa atitude triste e desolada*) – Por que faz isso comigo? O que fiz pra você?

[NANNI]

Eu? Por quê?... O que eu disse?

[PINA]

(*ela se encosta num feixe próximo, quase falando consigo mesma e reclamando*) Se causei algum mal, foi para mim mesma... Mas não pra você, não fiz nada. E nem mesmo pra aquela besta do Malerba... Então por que me insulta e me acusa de impropérios?... Na sua presença também!

[NANNI]

O Malerba brinca sempre. Não pense mais nele. Boa noite.

[PIA]

Boa noite pra você, que pode dormir.

[NANNI]

(sempre em tom quase provocante) – E você não?

[PINA]

Eu não, compare Nanni. Você sabe muito bem.

[NANNI]

Peça pra outra pessoa cantar um nana-nenê pra você e me deixa dormir, que estou com sono.

[PINA]

Bendito seja teu santo patrono, que te fez dessa massa!

[NANNI]

(rindo) – Como é que fui feito?

[PINA]

Finge que tem olhos e não vê, finge!

[NANNI]

Não, no escuro não vejo, gnà Pina.

[PINA]

Se tá escuro, tanto melhor!... porque as palavras não se perdem no escuro!... mas vão reto, pois vêm do coração. As tuas cortam pior que um punhal, compare Nanni!

[NANNI]

Não comprehendo parábolas, gnà Pina.

[PINA]

(em tom de amargura) – Ah! que cabeça você tem! E que coração!... duro como uma pedra!

[NANNI]

Não comprehendo! Não comprehendo!

[PINA]

Não comprehende! E deixa as pessoas morrerem na sua frente!... E vira a cabeça pra outro lado!...

[NANNI]

Ohi! Ohi! Já vamos falar de mortos e feridos?

[PINA]

(depois de um breve silêncio, com os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, quase sufocada de paixão dolorosa) - "Meu cravo pomposo, minha doce paixão. Você me diga como devo te querer!"

[NANNI]

Não sabe outra canção não, gnà Pina?

[PINA]

(enxugando os olhos febrilmente) – É sempre essa que volta na minha boca... porque meu coração está cheio dela!... Finge que não sabe disso, você! Finge que não vê me cozinhando em fogo lento! Me chamam de loba... mas o lobo é você que me deixa morrer na frente de todo mundo...

[NANNI]

O que você quer, afinal, gnà Pina?

[PINA]

(inclinando-se sobre ele; face a face, com um som rouco e inarticulado de fera) Eu quero você!...

[NANNI]

(explodindo num riso) – Você!... Por que em vez disso não me dá sua filha?... Me dá tua filha que é carne fresca...

[PINA]

Ah! compare Nanni!... Como eu queria te ver chorando com os meus olhos!

[NANNI]

Desculpa!... Só estou brincando... Sabe aquela canção: "Se o mestre da escola você vai escutar, Melhor deixar a mãe e a filhota pegar."

[PINA]

Como você pode brincar com isso? Por que se diverte pisar em mim com os pés na minha cara? Eu sou a loba, é verdade... Sou uma coisa vil... Vê como se divertem falando de mim?... Um troço de coisa vil! Você me jogaria na rua como um trapo... quando não me quisesse mais.

[NANNI]

Não! Não!... "Pensa direito antes de fazer!"

[PINA]

(amargamente) – Oh como ele tem juízo! Você pensa nas coisas antes!

[NANNI]

Tenho de pensar nas minhas coisas... Sou um pobre diabo que trampa por dia... Não posso me meter numa confusão com você... e ter aborrecimentos depois.

[PINNA]

(humildemente) – Que aborrecimentos você teria comigo?... Você sabe quem eu sou!...

[NANNI]

Sim, como eu sei! Nunca mais vou me livrar se cair nesse golpe. E tenho que pensar em me manter, você sabe? Não tenho nada... Só meu bom nome e a boa saúde. Tenho que pensar em achar um bom dote pra mim, entende? Me diga o que pensa... Você daria tua filha pra um cristão que se meteu?... com alguém como você? Não quero te ofender...

[PINA]

(amargamente) – Não, não me ofendo. Vindo de você nada me ofende, compare Nanni.

[NANNI]

Então vamos parar de tagarelar que já é tarde. E boa noite de verdade, agora. (*volta a se estender sobre a palha, virando-se para o outro lado*)

[PINA]

(quase se lamentando para si mesma, depois de ficar alguns instantes em silêncio, com a cabeça entre as mãos) – Ainda por cima me apronta essa – colocar um punhal na mão da minha própria filha?...

[NANNI]

(*impaciente*) – Eu não te faço nada. Me deixa dormir, porra!

[PINA]

(*com voz surda, como fora de si, balbuciando*) – Bom, quer se casar com a minha filha, então?

[NANNI]

(*surpreso, virando-se pela metade*) – Que diabo! Diabo! Tá falando sério agora?

[PINA]

(*como antes*) – Sim, tô falando sério.

[NANNI]

(*ainda incrédulo, mas levantando a cabeça e arregalando os olhos*) – E me dá ela de verdade como mulher?

[PINA]

(*sufocada, inclinando antes a cabeça duas ou três vezes sem poder falar*) – Sim... Posso te negar alguma coisa?... Se case com minha filha, já que quer assim... e eu irei embora... pra longe... pra não te ver mais.

[NANNI]

(*depois de olhar para ela fixamente por um momento, em dúvida, volta a se virar para o outro lado, como se tivesse medo de ser enganado*) – Tudo bem, podemos falar disso mais tarde, quando quiser.

[PINA]

(*como antes*) – Por que não agora, se é sobre o que quer... É melhor falar já.

[NANNI]

(*rapidamente, sentando-se*) – Tá mesmo falando sério, gnà Pina?

[PINA]

(*amarga*) – Te parece que tenho vontade de zombar neste momento?

[NANNI]

(*regozijando-se, levantando-se totalmente*) – Eh eh! Se é assim, acredito em sua palavra! E maldito seja quem se arrepende, gnà Pina!

[PINA]

(*abatida*) – Maldito quem se arrepende.

[NANNI]

E no domingo a gente vai ao cartório, pra fazer tudo rápido... Mas veja, eu não tenho nada.

[PINA]

O que quer que te dê?...

[NANNI]

O bom nome e a boa saúde... Isso sim! Mas o que for material você dá pra sua filha.

[PINA]

Tudo aquilo que quiser... Agora não me importo com mais nada!... Vou encontrar um cantinho onde possa cair e morrer, longe dos seus olhos!...

[NANNI]

Não, você vai ser sempre a patroa na sua casa.

[PINA]

Não me importa mais! Acabou... acabou pra sempre!

[NANNI]

Falta ver o que diz tua filha, agora. Precisa dar sua opinião pra ela.

[PINA]

(*com lágrimas nos olhos*) – Oh! minha filha é meu sangue! Ela vai querer, não tenha dúvida! Vou chamar ela aqui. (*chamando na direção da cabana*) Mara!

[NANNI]

Assim rápido? Quem que vai tirar o pai da força?

[PINA]

Melhor arrancar o mais rápido possível o dente que dói. Você não vai mudar, certo?...

[NANNI]

Não, não vou mudar. Mas tem tempo... amanhã...

[PINA]

Melhor arrancar o mais rápido possível o dente que dói. Não vamos mais dormir juntos nem carregar esse espinho na mente!

[NANNI]

Bem, bem... faça como quiser.

[PINA]

(rejeitando-o, quase duramente) – Mas vai, se manda agora, vai! Me deixa sozinha com a minha filha, agora. Você não tem nada com mãe e filha. (chamando) Mara!... Mara!... Ela vem vindo aí! Tá vendo que vai chegar já? Anda, vai! (Nanni sai pela esquerda)

Cena 8

(Mara e Gnà Pina)

[MARA]

(da cabana, ainda com sono, ajeitando-se as roupas no corpo) – Mãe, o que você quer?

[PINA]

(esforçando-se para afirmar a voz trêmula) – Olha... o comare Nanni... já se explicou direitinho... diz que quer se casar com você...

[MARA]

(surpresa, levando as mãos ao peito, quase golpeada no coração) – Comigo?

[PINA]

Você! Não se faça de tonta! Eu falei que sim... e agora tem de me dizer se ficou contente...

[MARA]

Eu, mamãe?...

[PINA]

(mastigando amargo) – É você a esposa... É você que tem de falar agora...

[MARA]

(sempre mais confusa) – O que quer que diga?... Assim de improviso!... Se eu nem ao menos conheço esse cristão!

[PINA]

Ah! não conhece? Faz um mês que tá trabalhando aqui na mesma fazenda!...

[MARA]

(confusa, gaguejando) – Nunca tinha pensado nessa ideia... eu juro!... te juro, mãe!

[PINA]

Bom, agora tá tudo claro... Ele tá aí, esperando a resposta.

[MARA]

(vivamente) – Não! Fala você com ele!

[PINA]

(dura) – Não? Por quê?

[MARA]

Porque não me caso!... Não quero me casar...

[PINA]

(sarcástica) – O que quer fazer?... Ser uma freira santa?

[MARA]

(como antes) - Não quero me casar!... Não gosto desse cristão!...

[PINA]

(sombria, quase ameaçadora) – Não quer ele? Por que não quer ele?

[MARA]

(toda trêmula, fora de si confusamente) – Porque não pode ser... (olhando-a fixamente com olhos em que brilha uma suspeita atroz) – Sabe muito bem que não pode ser!

[PINA]

(sinistra, quase indo com as mãos nela) – O que quer dizer? Fala claro!

[MARA]

(parando de chorar) – Mãe! Por que me atormenta agora?... o que foi que eu fiz?

[PINA]

Você tem que se explicar!... Quer que eu explique por você? Muito boa essa!

[MARA]

Por caridade, mãe, chega com isso! Diz a senhora mesma que esse casamento não pode ser...

[PINA]

Eu disse que sim. Você vai dizer também, porque quero assim!

[MARA]

Você, mãe!

[PINA]

Eu sou tua mãe! Eu é que tenho que te dar um marido.

[MARA]

Você, mãe!

[PINA]

(pressionando-a, feroz e resoluta) – Eu!... Eu dou o marido pra você! Você vai ficar com ele porque estou dando ele pra você!

[MARA]

Não, mãe! Não faz isso!

[PINA]

Se eu tiver que te arrastar até o altar pelos cabelos...

[MARA]

Não faça isso, mãe!... não faça isso! O Senhor vai te castigar!...

[PINA]

(pegando-a pelas tranças e olhando sombria para ela, face a face) – Do que é que está falando? Fala! fala claro!

[MARA]

(gritando) – Mamma! Mamma mia!

Cena 9

(*Nanni e as duas*)

[NANNI]

Não, gnà Pina!... Não faça isso!

[PINA]

(para Mara, ainda chateada) – Vai, sai daqui! Sai! (para Nanni, bruscamente) Você não se meta entre mãe e filha!... (para Mara) Sai daqui! Não me faz perder a calma de vez.

[NANNI]

O que houve? Por quê? Ela falou que não?

[PINA]

(recompondo-me pouco a pouco, mas ainda toda trêmula, com um sorriso amargo) – Não... não foi nada com você... Eu que tenho de resolver isso... eu!...

[NANNI]

Mas o que você tem? Fala!... Está toda descabelada...

[PINA]

Ah, o que fiz parece nada pra você?...

[NANNI]

Desculpa... perdão... Mas não tem necessidade de azedar seu sangue por isso. Se tem alguma coisa que se pode fazer, tudo bem; se não tem, paciência, e te agradeço de coração por ter tentado.

[PINA]

Me deixa... me deixa aqui agora!... (*cai em lágrimas, o rosto entre as mãos*)

[NANNI]

E chorando agora!... Mas o que foi que houve? Fala.

[PINA]

Nada, me deixa desafogar o coração. Você bem sabe o que tem aqui!

[NANNI]

(embaraçado) Escuta!... Sinto muito... Se foi por minha causa... ou por alguma coisa que

eu disse... só por brincadeira... (*confundindo-se cada vez mais; com força*) Mas para com isso agora, porra!

[PINA]

(*balançando a cabeça, desolada*) – Não posso!... Não aguento mais! Fiz tudo o que você queria, mas agora não aguento mais!... Ah! o que você me fez fazer, compare Nanni!...

[NANNI]

Eu não sabia! Não quero obrigar você a fazer nada à força não!

[PINA]

(*olhando para ele com olhos ardentes e lacrimosos*) – Pelo menos você vê que te quis bem?

[NANNI]

Seria um ingrato se não visse isso. Você me dá a filha, você me dá as coisas. O que mais pode fazer?

[PINA]

(*com as mãos na cabeça*) – Nada! Nada!

[NANNI]

Você tem um coração grande como o mar!... O seu que não é seu!... Você se despoja até das suas coisas pra dar elas pra tua filha!...

[PINA]

(*balançando a cabeça, com o avental nos olhos*) – Isso não é nada!... Isso não é nada!...

[NANNI]

Pode não ser nada, mas é alguma coisa grande! Desistir viva do que tem!... enquanto ainda tem essas pernas!... Melhor que tua filha hein!... O Malerba também acha... (*em tom de brincadeira, para acalmá-la*) Que bom que metemos um parentesco entre nós!... He! He!... (*cada vez mais embaraçado*) Vamos, pare com isso!... Não sei mais o que te dizer... Não tá vendo que não consigo mais dizer duas palavras? Você está me fazendo parecer um bobo! (*rindo estranhamente*) Tô ferrando com meu padrinho São Giovanni e minha parentada!

[PINA]

Ah!... você brinca até com os santos!

[NANNI]

(enquanto o riso morre nos seus lábios, sempre mais comovido e perturbado de mãos dadas com ela) – Não, não tô falando sério... Você é um diabo em carne e osso!... Para com isso e enxuga os olhos... Faça isso por amor a mim!

[PINA]

Sabe o que você me fez?... Me colocou um punhal nas mãos... e depois me disse... Agora é com você... arranca meu coração você mesma!

[NANNI]

(ficando perdido de vez) – Agora chega, chega... Não posso te ver chorando desse jeito!... Tá me fazendo perder o juízo você!... Chega!... pelo amor que tem por mim! (abraça-a)

[PINA]

(se libertando de vez, toda trêmula e transtornada) – Não! Me larga!... (permanecem olhando-se nos olhos, ambos pálidos)

[NANNI]

(perdido, gaguejando) – Por quê?... Por quê, gnà Pina?...

[PINA]

(com voz surda e quebrada, quase pressionando-o, irada) Vai chorar como um crocodilo!... infame!... maluco!... vai me fazer ficar maluca também!...

[NANNI]

(recuando, como se fosse fugir dela) – Não! Gnà Pina! (tira do peito a medalha da Madona com mão trêmula) Vou fazer um juramento, escuta!

[PINA]

Deixa a medalha onde ela estava que não vai ajudar nada! Já te fiz eu tantas vezes uma jura... e não deu certo nunca!...

[NANNI]

Não!... não, gnà Pina!... Agora estamos indo direto pro inferno!... (ouve-se cantar uma coruja) Escuta, uma coruja! (imprecando com o punho levantado para o céu) É pra você o mau agouro, sua grande besta!

[PINA]

Pra mim! Sou eu a maldita! Agora não me importa mais nada! Meu inferno é aqui! Paguei antes do mal acontecer!

[NANNI]

(vencido, com as pernas bambas, o rosto alterado, sem ter mais a força de resistir a ela)

- Ah! maldito Judas!...

[PINA]

(puxando-o pelo braço, com a cabeça baixa, sombria como uma verdadeira loba) – Cale a boca!... Não blasfeme agora! (desaparecem ali no chão. Silêncio; ouve-se, a pequena distância, o murmúrio do rio, o farfalhar das espigas, o trilo dos grilos e, de vez em quando, o uivo dos cachorros, lúgubre, na hora trágica. De repente a coruja passa gritando de novo.)

(Cortina)

Segundo Ato

(Pátio rústico. À direita, a porta e a janela da casa, sob uma pérgula. À esquerda o poço e o depósito de lenha. Assento de pedra entre a porta e a janela. Na parede do fundo, coroada de ervas daninhas e vidro quebrado, a porta que se abre para a rua. Ao longe vê-se a aldeia, no proscênio, até o Monte dos Capuchinhos, do qual se avista à esquerda um recanto do convento, e o grande cruzeiro de pedra em frente à igreja. As janelas e os terraços das casas em frente são festivamente decorados, com lanternas de papel e mantas coloridas.)

Cena 1

(Mara, depois Nanni)

(Mara está ocupada em enfeitar a casinha com galhos de murta e lanternas de papel colorido. Entra Nanni pela porta do fundo e vai abraçá-la, comovido.)

[MARA]

(surpresa e muito contente) – Ah! ah!... Que bom!... (num ato de relutância infantil) O que tá fazendo agora?... Os vizinhos podem ver!

[NANNI]

Traz aqui o meu filho, quero dar um beijo nele.

[MARA]

Você foi se confessar?

[NANNI]

Sim, você viu.

[MARA]

(sorrindo) – Foi essa a penitência que o confessor te deu?

[NANNI]

Não, não é a penitência... estou contente... chama o moleque.

[MARA]

Vamos conversar, o que foi que disse ao confessor?

[NANNI]

Ah!... Agora tenho de me confessar com você?

[MARA]

(sorrindo) – Não pode me dizer, tão sério assim...

[NANNI]

(voltando a abraçá-la) – Chega disso, te quero bem, e você merece.

[MARA]

(com os olhos brilhando de contentamento) – De verdade, de verdade, você me quer?

[NANNI]

Sua tonta, agora, tonta! Precisa disso?

[MARA]

(quase chorando de contentamento) – Sim, eu acredito, agora! Tá na cara que acredito em você! (inclinando-se para beijar a mão dele) Abençoado!... Os carinhos que você me faz!... abençoado seja!...

[NANNI]

(comovido) – Chega, sua tonta!... coitada de você!... Chega, vai!

[MARA]

(com o coração transbordante) – Eu quero te dizer! Você me deu tanta pena! Você me fez sofrer tanto, sem você saber!...

[NANNI]

(embarrassado) – Eu?...

[MARA]

(colocando uma mão na boca dele) – Sim, não me diga mais nada. Não me faça falar... (olhando-o amorosamente face a face e balançando a cabeça) Mas agora não, é verdade? Agora ama só eu né?...

[NANNI]

Essa agora!

[MARA]

Não, não fique com raiva. (sorrindo-lhe amorosamente) Tá vendo que eu mesma me confesso com você?... Antes era eu que não queria... Sabe... tinha metido uma coisa na cabeça... uma baita coisa!... (com ímpeto de ternura e lágrimas nos olhos) Mas agora não! Agora você é o pai dos meus filhos... É o paizão!... de tudo!... Não, chega, não vamos mais falar disso. Agora o Senhor me concedeu uma graça!

[NANNI]

(entre comovido e embarulado) – Ora, ora...

[MARA]

(voltando a beijar-lhe as mãos, uma após a outra) – Agora te agradeço! (juntando as mãos com fervor e erguendo o rosto para o céu) Senhor eu te agradeço! (chora de consolação no avental)

[NANNI]

Bom, e é assim que você fica, em vez de ficar contente, como diz que está?

[MARA]

(com ardor, enxugando os olhos) – Não, eu estou contente! Quero acender de todo o coração as lamparinas para Maria Dolorosa! Todas as lágrimas que chorei desde que nasci quero secar nessas luzes! (coloca os lampiõezinhos na janela)

[NANNI]

(ajudando-a, também ele comovido, e com o mesmo fervor religioso) – Deus seja louvado!... Isso vai ajudar bastante na colheita! As plantações estão um paraíso!... Chama o moleque que ele se diverte com isso.

[MARA]

(toda vibrante de emoção, enquanto vai enfeitando a janela com flores) – Espera... Só um pouquinho... Vou terminar isso aqui antes... deixei ele com a vizinha... Estamos vestindo ele para a procissão... todo de branco!... Vai com os anjinhos na procissão... com uma cestinha de flores!... Agora vou te mostrar. Alma pura! Foi ele que me fez merecer a graça!... Agora vou chamar ele. (chamando da porta do fundo) Agrippino!

Cena 2

(Lia, depois Grazia, Neli e os mesmos)

[LIA]

(entrando pela porta do fundo) – Vem, vem!... vamos vestir ele agora... (*olhando em volta*) Oh! Como tá bonito aqui! Parece um jardim! (*chamando fora da porta*) Vem aqui ver o que fez o compare Nanni!

[GRAZIA]

(após ter admirado o ambiente) – Lindo! Lindo! A casa do prefeito também, você viu?... e a praça lá embaixo, todinha verde! Veio muita gente de fora pra ver!

[NANNI]

As pessoas estão contentes. Vamos ter uma boa colheita, se Deus quiser. (*ouvem-se na rua os rapazes que passam cantando litanias*)

[LIA]

(que saiu para ver) As filhas de Maria. Vamos na procissão.

[GRAZIA]

(à porta) – Olha a Carolina lá! Que descarada aquela lá!

[MARA]

se arrependeu aquela!... Quer dizer que a Madona abriu os olhos dela!

[NANNI]

Quer dizer que se arrependeu, tanto melhor.

[NELI]

(entrando da estrada) – O compare Janu me mandou aqui dizer... (*para de boca aberta, admirando*) Oh! oh!... o que estão fazendo aqui? Oh!...

[NANNI]

Aquilo que podemos fazer... de todo coração!

[NELI]

O compare Janu manda dizer... Escuta, diz que é pra você carregar o estandarte da Irmandade.

[MARA]

Ah! ah! veja!

[NANNI]

(entre confusão e alegria) – Eu? Se tá dizendo ele que é o chefe... estou pronto!... Carrego até com os dentes o estandarte!

[GRAZIA]

Aí ele todo inchado de orgulho e o bonitão da cidade!

[NANNI]

Não... só pelo prazer... pela honra...

[MARA]

(jubilosa, séria com as amigas, em tom de zombaria) – É coisa minha, hein! É meu marido!

[NELI]

Ele diz isso pra dar um bom exemplo pras pessoas. Foi teu confessor que te recomendou.

[NANNI]

Tô pronto, prontíssimo! Pra dar bom exemplo, estou pronto! Dos pés à cabeça!

[MARA]

Quero me confessar eu também com aquele santo homem! Amanhã mesmo

[NANNI]

(comovido e sorrindo) – Você?... Pra você a solução eu mesmo sei qual é!...

[LIA]

Bem... escutem... Hoje estamos gastando nosso dinheiro com essa festa... Todo mundo peca o ano inteiro! Mas então vem um dia como este!...

[NELI]

Gastaram bastante dinheiro aqui!... Todas essas luzes... Precisamos de mais óleo!

[MARA]

Eu tiraria óleo dos olhos, viu! O Senhor me concedeu tantas graças! Fiz uma promessa, quando o Nanni estava morrendo, vocês se lembram! A casa estava toda escura! Como sentia dor! Nunca tinha visto tanta!

[NANNI]

Chega, a gente tem que fazer aquilo que promete aos santos. Tem que fazer!

[MARA]

Agora acabou, Deus seja louvado. Eu fiz por causa daquele pobre inocentinho! Algumas ave-marias bem rezadas!...

[NANNI]

Quero ver ele, vestido de anjinho...

[MARA]

Sim, venha, antes que comece a procissão. (*sai apressada e alegre, junto com Grazia e Lia.*)

[NELI]

Então, digo pra ele que sim?

[NANNI]

Sim, sim... Quantas vezes?

[NELI]

Tá bem. (*se prepara para sair*)

[NANNI]

E escute... diga também, pro comare Janu... a coroa de espinhos na cabeça, quero de espinhos verdadeiros! Que furem a pele! Não se deve fazer uma piada diante de Cristo morto!

[NELI]

Se te agrada desse jeito, é melhor mesmo.

[NANNI]

Me agrada o que é justo. Somos penitentes, sim ou não?

[NELI]

Tá bem, então. (*enquanto sai cruza com Pina*) A gnà Pina! Oh! tua sogra!

[NANNI]

(surpreso e contrariado) – Ah! ... oh!

Cena 3

(*Pina e os outros*)

[PINA]

(entra tímida e sorrindo humildemente, como pedindo perdão por entrar) – Saudações... Boa festa... Vim desejar boa festa pra vocês... Tanto tempo que a gente não se vê...

[NELI]

Falo pra ele da coroa de espinhos?

[NANNI]

(irritado) – Vou ter que falar de novo? Quantas vezes?

[NELI]

Digo que vai lá com o estandarte, mesmo tendo gente em casa?

[NANNI]

Sim, três vezes já!...

[NELI]

Tá bom, tá bom. (*sai, dando de ombros*)

[PINA]

(que ficou a um canto, embaracada) – Fiquei um pouco adoentada... Tanto que choveu!... Tive febre... Mas do resto vai tudo bem, graças a Deus... As plantações já estão altas.

[NANNI]

E o vinhedo?

[PINA]

(animando-se, quase encorajada por uma palavra interessada) – Vai bem, vai bem! As vinhas estão começando a soltar os galhos... Uns galhos bonitos compridos assim!... Bom, eu falei, eles lá não se preocupam muito com as vinhas, então vou lá levar a notícia pra eles. (se perdendo de novo ao ver a expressão inquieta de Nanni) E queria dizer que precisa ir lá ajudar... Sozinha não consigo arrancar a grama que cresce... Vê as mãos que tenho?...

[NANNI]

(de mau-humor) – Bastava mandar alguém dizer.

[PINA]

(mortificada) – Te desagrada tanto assim minha presença?

[NANNI]

Não me desagrada. É que agora não ficou ninguém lá pra vigiar a casa.

[PINA]

Deixei o vizinho Raja dando uma olhada na casa, e na fazenda também... Depois, nem precisava disso. Tá todo mundo na praça, festejando. (*olhando em volta*) Vocês também estão se preparando.

[NANNI]

Chega, já que veio, agora...

[PINA]

(timidamente) – Se não te agrada, volto atrás do jeito que vim...

[NANNI]

(resmungando) -Se não me agrada, se não me agrada...

[PINA]

(quase procurando as palavras) – Queria te ver... ver como você está... Vocês não me procuram nunca... (acocorada) Eu podia morrer, ninguém ia ficar sabendo!

[NANNI]

Chega... já que tá aqui, vamos dizer pra sua filha que veio pra ver um médico.

[PINA]

(amargamente) – Minha filha? O que me importa a minha filha?

[NANNI]

Não, você não liga pra ela; fica quieta.

[PINA]

(senta-se sob o caramanchão, como se tivesse as pernas quebradas, e se afasta para enxugar os olhos às escondidas) – Sou como um cachorro mesmo... um cão sem dono...

[NANNI]

Ora, para com isso!... Não tem nada que se sentir assim! Se te virem com essa cara vão achar que não devia ter vindo mesmo.

[PINA]

(erguendo para ele os olhos cheios de lágrimas) – Por quê? O que fiz?

[NANNI]

(sem ousar olhar para ela, virando o rosto para esconder seu embaraço) – Nada...

[PINA]

Não fiz nada... Não quero nada.

[NANNI]

(agitadíssimo, após ter olhado para ela um instante em silêncio, com a voz baixa e impetuosa) – Não!... escute!... Hoje fui me confessar... Estou na graça de Deus...

[PINA]

(curvando a cabeça e abrindo os braços com ar humilde e submisso) – Bom, melhor pra você... Então, do que tem medo?

[NANNI]

Temo por tua filha... se nos encontra aqui!

[PINA]

Qual o problema se me encontra aqui? Posso muito bem vir pra cá, pelo menos nas festas principais. (*Pina lhe dá as costas, sem dizer nada, e vai pegar a manta que deixou no encosto de uma cadeira. Ouve-se lá fora um burburinho de multidão*)

[NANNI]

(parando-a, bruscamente) – Não... fica... Já que os vizinhos te viram, aí seria pior... (corre para a porta e a escancara, dirigindo-se à gente que passa) – Oh! Cardillo! Venha ver... O que te parece?

[CARDILLO]

O que acho? (fica surpreso ao ver a Pina) Oh! gnà Pina!... Desculpa, desculpa... (faz menção de ir embora)

[NANNI]

Sua besta! Fui eu que te chamei!...

[CARDILLO]

(suspeitoso, olhando ora para ele e ora para a Pina) – Melhor ser besta mesmo! Melhor ser besta hoje sim! Um dia como este!...

[VOZES DOS FESTEIROS NA RUA]

Os anjinhos! – Olhaí os anjinhos! – Viva Nossa Senhora das Dores!

[CARDILLO]

(escandalizado) – Fecha essa porta pelo menos! (*Enquanto está para sair tromba com Grazia, que entra apressada*)

[GRAZIA]

Compare Nanni! Não vem?... (surpresa, mudando de tom ao ver Pina) Oh!... você!... (friamente) Te saúdo, gnà Pina.

[PINA]

(tímida e humilhada) – Oi.

[GRAZIA]

(para Nanni, com embaraço) – Mandaram chamar sua mulher... Mas agora é melhor esperar um pouco. (*vai sair*)

[NANNI]

Não, escuta...

[GRAZIA]

Desculpa, tenho que ir. (*sai apressada*)

[CARDILLO]

Sabe aquele que estava cheio de pecados? Ele tinha aprontado tantas pra Jesus Cristo! Mas o que ele encontrou escrito no livro, quando teve que acertar as contas com o Pai Eterno... Basta! é melhor nem falar!... Hoje, que é Sexta-Feira Santa, porém!... “Te faltava este escândalo pra martelar os pregos no meu Filho?” disse pra ele o Pai Eterno... E com isto vou embora e me despeço! (*sai fechando a porta com fúria atrás de si*)

[NANNI]

(impetuoso) – Tá vendendo?... Todo mundo ali!... (*Pina fica imóvel, sem saber o que dizer*) E você nem responde?

[PINA]

(com lágrimas nos olhos) – O que quer que eu diga?

[NANNI]

(muito impetuoso, falando quase com os punhos na cara, voz baixa) – Quer que eu diga então? Quando estive doente... a ponto de morrer... ninguém queria me trazer a extrema unção! (*irrompendo*) Eu vi a morte com esses olhos, eu vi!

[PINA]

(*recuando, toda trêmula*) – O que que eu faço? Fala.

[NANNI]

(*andando pra lá e pra cá no palco, agitado*) – Por que você veio hoje aqui? Por quê?

[PINA]

(*com lágrimas nos olhos*) – Por quê? Sei lá...

[NANNI]

Me faz... me faz... me faz perder a confissão que fiz!

[PINA]

(*dura de angústia, balbuciando por entre as lágrimas que a sufocam*) – Escuta! E o que você faz pra mim?... aquilo que me fez?... Isso não vou te dizer!... Veja que tô falando e rindo... mas o que tenho no coração você não vê!...

[NANNI]

Eu vejo sim!... É vergonha o que estou vendendo! E também tua filha! Veja como ela tá magra... só pele e osso! Não fala, não diz nada... mas dentro de si tá se consumindo. Toda noite escuto que ela chora e se desespera!... por tua causa! Queria mais que me enfiasse um punhal aqui, quando me olha com esses olhos, sem dizer nada!...

[PINA]

(*com o rosto sombrio, evitando olhar pra ele*) – E em mim, quando põe esses olhos em mim mal eu chego aqui!... e dá as costas pra tua criatura! Na minha frente!... (*com voz surda*) Eu fiz tua cama com minhas próprias mãos na primeira noite!...

Cena 4

(*Mara e os outros*)

[MARA]

(*entrando furiosa, chateada*) – Ah!... Então era verdade!... Estão aqui, vocês?

[PINA]

Sim, eu vim ver vocês... pra ver como estão...

[MARA]

(abaixando-se para beijar a mão dela, mas com lágrimas nos olhos) – Tá vendo que estamos bem. (para Nanni, dando-lhe um olhar cintilante com lágrimas nos olhos) É por isso que você não foi ver teu filho... antes de ele ir para a procissão?...

[PINA]

culpa é minha... porque eu vim, não é?

[NANNI]

Não, não... você fez bem.

[MARA]

Fez bem sim, é a patroa aqui. (*Breve pausa. Silêncio embarracado dos três.*)

[PINA]

É o vinhedo que tem de carpir; vim para dizer.

[NANNI]

Tá bem, vamos lá na segunda.

[MARA]

Ah! você veio pra levar ele?

[PINA]

Não consigo fazer tudo sozinha. O mato já tá alto assim. Se chover o mato vai comer tudo.

[MARA]

(com um fio de amargura) – Aqui em casa já tá chovendo até granizo, minha mãe!

[PINA]

É pra mim esse discurso?

[NANNI]

Não, não! O que tá dizendo...

[PINA]

Eu faço tudo o que posso. Suei sangue naquela terra de vocês... debaixo de chuva e do vento... O pão que como de vocês, não vou roubar de vocês, não! (*Mara, sem responder, se põe a chorar com o avental nos olhos.*)

[NANNI]

(irritado) – Essa agora!

[MARA]

Me deixa chorar. Não tô falando nada!...

[PINA]

(amarguradamente) – Tem vez que não precisa falar nada mesmo.

[NANNI]

(para Mara) – Você também pode ir lá pro vinhedo, prá dar uma mão.

[MARA]

O que que vou fazer lá? Não sirvo pra nada!... Não posso ajudar vocês. (*aludindo amarguradamente à sua gravidez*) No estado em que estou!... Com o castigo de Deus em cima de mim!...

[PINA]

Ah! O castigo de Deus?

[MARA]

(explodindo). Por que você está pegando no meu pé? Em vez disso se resolva lá com o Senhor do céu! A culpa é toda sua que resolveu me casar!

[PINA]

E essa é a recompensa! Bela acolhida que me dá!

[MARA]

(agitada, com os olhos brilhantes e lacrimosos) – O que quer que eu faça? Que cante e ria enquanto o Cristo segue morto pelas estradas?

[NANNI]

Chega! Vamos aproveitar a ocasião. (pegando Pina por um braço.) Mas vem ver teu neto, vem.

[MARA]

(não se segurando mais) – Deixa meu filho quieto lá, pelo menos isso... pobre inocente!...

[PINA]

Tá com medo que eu vou comer teu filho?

[MARA]

E por que que ia comer ele? Ele também não tem teu sangue? Ou agora os cristãos estão se comendo entre si?

[NANNI]

(ameaçador, para Mara) – Vai parar?... Por Deus!

[MARA]

(meneando a cabeça) – Vai, bate em mim! Se quer me bater, bate!... Se tá achando que mereço, tô aqui!

[PINA]

Às vezes, sabe, as palavras fazem coisa pior ainda!... As palavras de uma santa como você!... que ferem mais do que uma faca!...

[NANNI]

(que está a ponto de explodir, faz o sinal da cruz) – Diaba filha da puta, vai embora!... tentação!

[MARA]

Isso é comigo? Quer que te deixe e vá embora?

[NANNI]

Saio eu!... Eu vou embora!... Pro diabo!... que inferno essa casa, quando estão juntas mãe e filha! (sai furioso)

Cena 5

(Mara e Pina)

(Mãe e filha se entreolham alguns instantes em silêncio, pálidas e carrancudas.)

[PINA]

Tá contente agora, tá contente? (Mara continua a olhar para a mãe sem responder, com rancor nos olhos.) Até parece que hoje vim pedir alguma esmola!... pra você e pro seu marido! (Mara balança a cabeça, sempre calada, ainda séria.) Depois que me tirou tudo!... Aquilo sim, você roubou!... Minhas coisas e tudo!

[MARA]

(dando as costas bruscamente, com as mãos no rosto) – Mãe, me deixa! Me deixa sozinha, hoje!

[PINA]

Te deixo em paz. Quer que eu vá embora? E não coloque mais os pés na tua casa?... na casa que eu mesma te dei?

[MARA]

Me deu a casa porque eu estava morrendo em fogo lento na casa! Foi pra eu amaldiçoar tua alma que você me deu ela!

[PINA]

Eu te dei tudo! Você tomou tudo de mim!

[MARA]

(virando-se para ela, com os olhos brilhantes e com voz rouca) – Cala a boca! Cala a boca!

[PINA]

Fala agora! Põe a merda dessa raiva pra fora!

[MARA]

(vagando desolada pelo palco, com as mãos nos cabelos) – Ah! Senhor! Me livra desse suplício!

[PINA]

Teu sofrimento?... Deixa teu sofrimento em paz!... Deixa os santos em paz! Eu também imploro a ajuda deles! Eles não ouvem lá em cima!

[MARA]

(desdenhando) – Excomungada! Excomungada que você é!

[PINA]

Cala a boca!

[MARA]

Ladra! Ladra!

[PINA]

Cala a boca!

[MARA]

Ladra! Vem aqui na minha casa pra roubar minha paz! Mãe sem consciência!

[PINA]

(*como uma fera ferida*) – Ah, cala a boca!

Cena 6

(*Grazia, depois Lia e Bruno acorrem da estrada, aos gritos de Pina e Mara; e os outros.*)

[GRAZIA]

Que que foi que houve? Parece que a casa tá caindo!

[MARA]

Caiu e se fudeu a casa toda!... Maldição de Deus!

[LIA]

Gnà Mara, tenha cuidado com sua língua! Não vai fazer o povo rir!

[PINA]

É que me deram um chute no traseiro agora, ela e o marido!...

[GRAZIA]

Tinha outra hora não pra discutir os seus interesses? Justo na hora que vai passar a procissão!...

[PINA]

Me deram um chute no traseiro!... depois de terem me roubado tudo!... Agora já tô comendo até o pão deles!...

[MARA]

Tão me comendo muito mais que o pão... tão arrancando meu sangue!

[LIA]

Começa a calar a boca você, que é a filha!

[GRAZIA]

Chega, não façam escândalo!...

[BRUNO]

(entrando) – A gente ouve essa gritaria lá da praça... mais forte do que a banda! Parecia que era aqui a festa. Um pouco mais e iam deixar a banda por lá e correr todo mundo pra cá.

[PINA]

Vai, corre, chama os carabinieri também pra me prender!

[MARA]

É tua língua que deviam arrancar! Deviam te arrastar pelos cabelos lá na praça!

[LIA]

Que jeito de falar, gnà Mara! Sua própria mãe!

[MARA]

São palavras que estavam me queimando aqui dentro!

[GRAZIA]

Vamos embora, gnà Pina. Você que tem mais juízo!... Não vamos cometer nenhum pecado hoje...

[PINA]

Não, não quero ir embora... Estou na minha casa...

[MARA]

Fica aqui então! Vou eu embora!... pra sempre! Pra sempre te deixo essa casa maldita!

[PINA]

(ameaçadora) – Vai! Vai! Vai de uma vez! Não me faça perder a paciência!

[BRUNO]

(colocando-se entre as duas) – Hei! Hei! O que estão fazendo?

Cena 7

(*Nanni, acorrendo de fora com o barulho da briga, seguido de Cardillo, Filomena, Malerba e Neli*)

[NANNI]

(*com raiva, batendo em Mara e Pina a torto e direito*) – Toma!... toma! Não vão ficar quietas não? Viraram a piada de todo mundo!

[NELI]

E adeus estandarte!

[MALERBA]

(*metendo os braços para fazer as pazes, com um jeito zombeteiro*) – A banda!... Olha aí a banda!

[BRUNO]

Chega, Nani!

[CARDILLO]

Mas o que são você, gente cristã ou turca?

[FILOMENA]

Escuta, isso é um escândalo pra toda a vizinhança! Acabem com essa vergonha!

[NANNI]

Viramos a piada de todo mundo! Tá contente agora?

[GRAZIA]

(*ajudando a Pina a enxugar o rosto ensanguentado*) – Me deixa ver!... tem sangue aqui, ó...

[PINA]

Nada... Não é nada...

[MALERBA]

Pontapés na bunda! Agora quer dizer que gosta de pontapés na bunda...

[NANNI]

(irritado, empurrando Malerba para fora) – Vai, vai embora você! Ou faço um carinho na tua também!...

[GRAZIA]

(para Pina, levando-a para fora) – Vem, vem! (saem com Lia e Filomena)

[CARDILLO]

(saindo com Bruno) – Turcos! Pior que os turcos, Deus me livre e guarde!

[MARA]

(chorando, para Nanni, prestes a sair também) – Olha só o que tá fazendo comigo! Basta!... Que o Senhor não te peça contas disso mais tarde!...

[NANNI]

Pare com isso agora, você!... Não me encoste na parede, você também!

[MARA]

Você fez isso?... isso também?... que você me bateu na frente dela? Você deu essa satisfação pra minha mãe!

[NANNI]

Tu e tua mãe ainda vão me fazer cometer uma loucura!

[MARA]

Excomungados! Excomungados todos os dois!

[NANNI]

Vai!... faz isso por amor a mim!... se é verdade que me quer bem.

[MARA]

É por isso que você me pisoteia? porque sabe que te quero bem?... porque faz de mim tudo o que quer?... Tá me fazendo morrer de desespero!

[NANNI]

(quase suplicante) – Ouve, Mara! Ouve!...

[MARA]

Desgraçado! Como o seu coração aguentou? Enquanto estou neste estado!... Como pode olhar na cara do teu filho quando ele vem te beijar a mão, pobre inocentinho!

[NANNI]

Escuta!... Não me encoste na parede!... Cada palavra tua é uma facada!... Estou tirando de você aquela excomungada da sua mãe!

[MARA]

Não acredito em você! Eu não acredito mais em você! Como você quer que eu acredite! Vi vocês com esses olhos!... o rosto que você tinha... os dois!... você e aquela excomungada da minha mãe!... Você acha que sou cega? O que você foi dizer ao confessor, então?

[NANNI]

(*fora de si, tentando fechar-lhe a boca com as mãos*) – Chega! Chega!

Cena 8

(*Compare Janu e os outros*)

[JANU]

Suas bestas! Vocês são piores que duas bestas!

[NANNI]

(*irritado e confuso*) – Elas!... Por causa delas!... Vão acabar me fazendo praticar uma loucura!

[MARA]

(*soluçando*) – Acabou tudo, compare Janu! Não aguento mais ficar nessa casa.

[JANU]

Não, escuta. Tenha um pouco de juízo, pelo menos você.

[MARA]

Não consigo mais ficar aqui. Vou embora com o meu filho... pobre orfãozinho!

[NANNI]

(*exasperado*) – Deixa ela ir, compare Janu! Deixa ela ir embora, vai ser melhor!

[MARA]

(*para Nanni, chorando, à porta*) – Pense que abandonou teu filho órfão... na beira de uma estrada...

[JANU]

(para Nanni) – Malandro de uma figa. Merece a forca.

[NANNI]

Falou muito bem; tem toda razão, vossa senhoria!

[JANU]

Erra uma primeira! Erra a segunda! Promete de novo, e cai de novo!

[NANNI]

Não é verdade! São as más línguas que querem ser cortadas!...

[JANU]

As más línguas são a gente toda. Até a tua mulher, sabe disso!

[NANNI]

Minha mulher é maluca! Maluca de amarrar num poste!... quando mete uma coisa na cabeça!

[JANU]

Mete na cabeça que é uma besta! Como toda besta!

[NANNI]

Como todas as bestas; você tem razão!

[JANU]

Belo motivo! Dá-lhe cacetadas nas bestas.

[NANNI]

(com explosão) – Áí eu vou querer te ver, vossa senhoria! E aquela excomungada que não posso me livrar agora?... Nem vou mais lá no vinhedo, pra escapar dela!...

[JANU]

Tem medo de que, se não tem nada de errado?

[NANNI]

(resmungando) – Que medo que tenho... Ah que medo!...

[JANU]
(severo) – Veja só!...

[NANNI]
(animadíssimo) – Você também sabe como é aquela mulher!...como que a gente chama ela!...que mulher ela é... que torna tua alma maldita como ela quer!

[JANU]
Você vê... mesmo agora!... como você fala!

[NANNI]
Corpo de!... Como posso dizer?... O que devo fazer?

[JANU]
Fala com ela claramente. Diga que ela te deixe em paz.

[NANNI]
Como faço? Ela é patroa aqui também... Não posso fechar a porta na cara dela se ela vier.

[JANU]
Deixa a casa pra ela. Ou ela fora, ou você fica fora.

[NANNI]
Eu fora? Pra onde vou?

[JANU]
Pra longe: no campo.

[NANNI]
No campo? Faz isso rápido! Não sabe de nada, vossa senhoria! E quando ele vem para ficar perto de mim então? e no chão... Você não sabe o que é pior! Dá voltas e voltas... com a desculpa de colher ervas silvestres... como uma verdadeira loba!... (*com explosão*) Não posso atirar nela de longe.

[JANU]
Sabe o que tem de fazer? Vende tudo e vai embora da cidade, você e sua mulher.

[NANNI]
Mas não posso nem vender. É tudo coisa do dote!... (*delirando*) Tô bem amarrado aqui, te digo!... de mãos e pés!... Essa corrente tem que ser quebrada de uma vez!

Cena 9

(Pina e os outros)

[NANNI]

Tá vendo? Tá vendo, vossa senhoria?

[JANU]

Sst! Sst!

[NANNI]

Tá vendo? Voltou outra vez! Não vai ficar contente se não me mandar pra cadeia!

[JANU]

Sem barulho, sem prisão. Sempre tem um jeito de arrumar as coisas. Comare Pina, você sabe o que diz o proverbio: "Maridos e mulas, melhor deixar quieto."

[PINA]

E quem tá encostando nele? Que que tô fazendo?

[JANU]

O que faz... o que tá fazendo... bom, não tá lá muito certo. Toda vez que se topam é um inferno.

[PINA]

(enxugando os olhos, febril) – Já levou um chute no traseiro, vossa senhoria? Vivem me chutando o rabo, agora que estou pobre e maluca.

[JANU]

Quer ir morar lá no campo também? Tá certo. Tem um jeito de acomodar você... mas é você de um lado e ele do outro. O mundo é grande, minha irmã. Se faltasse homens, que diabo que seria!

[PINA]

Falou o que é, vossa senhoria! E mereço o que diz...

[JANU]

Você merece... as pessoas falam pelo que ouvem... Ou então é sinal que agora você tá pagando por algum pecado antigo... Serão fofocas, serão mentiras... Agora, porém, precisa calar as más línguas. Já que seu genro tá na graça de Deus, deixa ele em paz. (sai)

Cena 10

(*Nanni e Pina*)

[PINA]

(*sombria, como se estivesse falando consigo mesma*) – Não, não existe confessor para uma mãe como eu!

[NANNI]

Vai lá então, vai lá!

[PINA]

(*esquentando-se, com a boca amarga*) – Não sabe falar outra coisa não?

[NANNI]

(*esquentando-se sempre mais*) – Já te disse muitas vezes, e sempre foi inútil!...

[PINA]

Então, se é inútil, por que tá voltando agora?

[NANNI]

(*exasperado*) – Porque quero acabar com você!... de uma vez por todas! Quero sair desse inferno!

[PINA]

(*sarcástica*) – Você tá hoje na graça de Deus! Tá com medo de que, então?

[NANNI]

Tenho medo de você!... que é o diabo em carne e osso! Você deve ter feito algum feitiço pra mim!... Veio me tentar mais uma vez!...

[PINA]

(*dura e obstinada, sem olhar para ele, tirando água do poço*) – Vim pra festa. Também sou cristã.

[NANNI]

(*furioso, pegando-a pelo braço*) – Você? Você?

[PINA]

(libertando-se) – Me deixa lavar o rosto, ora! E não me estrague o vestido da festa!

[NANNI]

Vou te dar uma festa de verdade! Vou te dar mesmo uma festa!

[PINA]

Ah! Se você tivesse coragem!

[NANNI]

Sangue de!... Corpo de!...

[PINA]

(olhando-o fixamente, num tom de amargura desesperada) - Sua coragem não é suficiente pra você, não! Você só é bom em enlouquecer os outros! Mas remover as dores deles com um único ato de coragem não é coisa que você pudesse fazer!

[NANNI]

Maldita!... mil vezes maldita!...

[PINA]

Sim, te parece que eu não sei? Mães como eu deveriam ser queimadas vivas!... Os cachorros deviam comer as mães que são como eu!... E você também que me mantém no inferno!... pelos cabelos!... como uma louca!... Essa é uma boa hora pra te confessar... O diabo nos fez ficar juntos!

[NANNI]

(empunhando um machado, furioso) – Ah! pois eu rompo essa ligação!

[PINA]

(virando-se para ele, com o peito nu, como se o desafiasse) – Pois acabe com ela! Vai! Com as tuas mãos!

[NANNI]

(empurra-a para baixo da marquise da porta de entrada, com os olhos selvagens de ira e horror, o machado homicida para o alto, gritando com espuma na boca) – Ah!... ah! Diaba!

(cortina)